

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**  
**CONCURSO PÚBLICO PARA PROFESSOR ADJUNTO**  
**DISCIPLINA: FILOGIA ROMÂNICA**  
**CANDIDATO: Lucas Santos Campos**  
**AULA PÚBLICA**  
**TEMA: O LATIM E A EVOLUÇÃO DO CRISTIANISMO**

ORIGEM E EXPANSÃO DA LÍNGUA LATINA

“A história política de Roma e a história da civilização romana explicam a história da língua latina”

Meillet (*apud* Faria, 1955, p. 6)

O latim se constitui o ramo de uma língua, da qual temos apenas um sistema de correspondências entre alguns idiomas do mundo, que sugerem a sua existência, trata-se do indo-europeu, idioma que, por um lado, certamente foi precedido de um desenvolvimento lingüístico e, por outro, através do perene processo de evolução que caracteriza as línguas, chegou aos nossos dias. Nesse contínuo evoluir, o indo-europeu, levado para a Península Itálica, onde entrou em contato com o idioma local, o itálico, originou outros, como o osco, o umbro, o falísco e à língua do Latium, o latim.

A língua do Lácio recebeu também contribuição de umas tantas outras, como a etrusca e a grega. Vale assinalar, que no seu momento de expansão, os gregos ocuparam parte da costa da Península Itálica. Os etruscos foram os fundadores e primeiros civilizadores de Roma, como nos relata Faria (1955, p.13):

Expulsos do domínio egeu pela invasão dos dóricos, vieram os etruscos, povo de origem asiática, para a Itália, ou nos fins do século XI princípios do século X a. C. ou, como refere A. Piganiol, nos fins do VIII século a. C. (...) estabelecendo-se nas costas do mar Tirreno.

Esse povo empreendeu a conquista de quase toda a Península Itálica, incluindo a região do Lácio, onde Roma está localizada.

Por volta do século VI a.C., o Lácio se liberta do jugo etrusco. Após essa independência, Roma iniciou uma série sucessiva de conquistas que resultou com a formação do que veio a ser conhecido como o Império Romano, processo que tem como uma das suas conseqüências a difusão da cultura romana e de sua língua, o latim.

Essas conquistas estão intimamente ligadas com a implantação e a expansão da língua latina, embora a vitória militar nem sempre tenha ocorrido *pari-passu* com a adoção da língua e cultura romanas.

Com o fim das guerras contra Pirro, em 272 a. C., o latim tornou-se a língua oficial de toda a Península Itálica, embora a língua etrusca, o osco e o umbro, entre outras tenham persistido até o primeiro século da era cristã. A Sicília, não obstante ter sido a primeira província romana e sua proximidade da Itália e de Roma, nunca foi completamente romanizada, a ilha era trilingue, seus habitantes falavam o sículo, o grego e o latim.

A Córsega e a Sardenha, conquistadas em 238 a. C., por serem consideradas insalubres, ficaram reduzidas a lugar de degredo, assim, a romanização dessas ilhas foi precária e imperfeita.

Embora a Hispânia tenha resistido por mais de dois séculos à invasão romana, uma vez pacificada, foi uma região em que o processo de romanização foi rápido e profundo. Lá foram fundadas muitas colônias, com escolas onde o latim era ensinado.

Em se tratando da Grécia, ocorreu um processo diferente. Esta foi conquistada militarmente, mas helenizou o Império Romano.

Na Ásia menor, Síria e Palestina, em virtude da vizinhança e prestígio da cultura grega, a romanização não se estabeleceu.

A romanização da Gália foi profunda. A esse respeito, Faria (1955, p. 28-29) adverte que nessa região, a teoria de só ter havido um verniz de romanização está, hoje, inteiramente arcaizada, indicando que a instrução e a cultura de caráter absolutamente romano e ministradas em latim, penetraram até o âmago dos campos.

Na Bretanha, o processo de difusão da cultura romana se deu de modo imperfeito, fragmentado e espaçado no tempo, até que no século IV emigrantes da Caledônia e da Irlanda devastaram e destruíram os centros romanos, o que explica o esquecimento, por parte da Bretanha, da língua e da cultura romana.

No Egito, não houve romanização, não só pela vizinhança e influência da Grécia, como também por questões de ordem étnica e climática, entre outras.

Nas províncias do Danúbio, o latim não conseguiu fixar-se pela falta de vida urbana. Na Dácia, não houve romanização, mas a substituição das populações locais por colonos provenientes de Roma e das demais províncias.

Na África, a adoção e o abandono do latim, se deram com muita facilidade.

Assim, apesar de não atingir uniformemente todas as regiões conquistadas, durante os séculos da existência do seu Império, sem dúvida, Roma foi o grande centro de irradiação lingüística para suas províncias através da presença da administração, do comércio, das colônias civis e militares, do exército cujas legiões eram freqüentemente deslocadas para regiões diferentes. Com isso, obteve-se uma relativa uniformidade do latim, até de sua variedade vulgar, que se fracionou de maneira mais ou menos rápida, quando a unidade política se quebrou e Roma deixou de ser irradiadora cultural e lingüística, com a queda do seu império. Nesse momento, cumpre-nos ressaltar os conceitos de latim clássico e latim vulgar.

Em qualquer língua moderna, podemos distinguir alguns padrões, níveis, ou normas de linguagem, em função da classe social do falante ou do fim a que a linguagem venha a ser empregada. Essa mesma distinção seria possível de se fazer na língua latina, De acordo com Maurer Jr. (1962, p.53), são conhecidas as expressões: *sermo quotidianus*, *sermo urbanus*, *sermo plebeius*, *sermo militaris* e *sermo rusticus*.

Podemos, a partir da documentação que herdamos, distinguir: a *língua literária* - a empregada nos discursos de Cícero, nas obras de César, entre outras; a *coloquial urbana*, também conhecida como *sermo quotidianus* ou *sermo urbanus* – que era o latim falado pela aristocracia romana, a exemplo da linguagem encontrada nas sátiras de Horácio e nas comédias de Terêncio; e a *vulgar* ou *sermo plebeius* ou *sermo rusticus* – era variante lingüística falada pela plebe romana, da qual as inscrições murais e alguns documentos literários nos dão algum testemunho.

A diferença existente entre a língua literária e o *sermo quotidianus* ou *urbanus* diz respeito à maior elaboração técnica, estilística e ao maior formalismo a que está sujeito o texto escrito, nessa acepção, ambas variedades de uso da língua podem ser consideradas como dois aspectos do mesmo latim, o *latim aristocrático* na sua modalidade oral ou escrita, em outras palavras, o *latim clássico*.

Por outro lado, a plebe, classe mista, que não incorporava em si um ideal de cultura, antes crescia pela agregação de novos elementos, veio a constituir a grande massa dos habitantes de Roma, do Lácio e, mais tarde, de todas as regiões latinizadas.

De qualquer sorte, o latim vulgar, falado nas províncias, não obstante mantivesse uma certa unidade em virtude da ligação dessas com a metrópole, já vinha se fragmentando e ganhando novas feições, a depender da região em que era falado, do período e da forma de romanização, entre outros fatores, a exemplo da nacionalidade dos colonizadores. Sabemos que inicialmente, eram italianos os soldados e os demais elementos enviados para as províncias e posteriormente, não era raro serem enviados indivíduos de outras regiões já romanizadas, que, naturalmente, não falavam o mesmo latim que um indivíduo nascido em Roma.

Nesse processo evolutivo, temos que considerar, um momento denominado *fase romance*, período de transição que compreende o tempo em que o latim vulgar começa a se modificar até se transformar nas línguas românicas modernas: o português, o espanhol, o catalão, o italiano, o francês, o provençal, entre outras, embora seja difícil estabelecer com precisão as datas em que essas mudanças ocorreram.

Esse momento, coincide mais ou menos com o início da era cristã, assim veremos como latim e cristianismo causaram impacto um ao outro.

## O LATIM E A EVOLUÇÃO DO CRISTIANISMO

Quando o cristianismo fazia sua entrada na sociedade romana, a doutrina nova devia ser formulada em latim, assim, a língua precisava adaptar-se a essa nova função, que era a de expressar o pensamento ligado a uma nova doutrina.

(MOHRMANN *apud* Elia, 1979, p. 57)

Podemos enxergar, hoje, que esse processo indicado por Mohrmann, como uma via de mão dupla, pois, se por um lado, a língua adaptou-se para a expressão do pensamento da doutrina cristã e com isso evoluiu, por outro, o cristianismo lançou mão da língua majoritária na maior parte do mundo conhecido de então, o que, de certo modo, favoreceu a sua difusão.

Com base em Elia (1979, p. 54) chamamos a atenção para o fato de que o latim cristão, mesmo no sentido de língua do povo ou língua de teor popularizante, deve ser identificado sumariamente com o latim o latim vulgar, visto que, por um lado este (o

latim vulgar) desenvolve tendências ancestrais que remontam ao indo-europeu, com as quais pouco tem a ver o latim cristão, por outro, desde os tempos mais antigos, a igreja teve seus doutores, assim, o latim cristão tem um quê de burilamento.

De qualquer forma, há um aspecto culto e outro vulgar no latim da Igreja, mas se trata de uma das variedades do latim que comporta em si, ainda, uma outra distinção: *latim cristão* e *latim eclesiástico*, o latim cristão não é, ao pé da letra, popularizante, antes, porém se trata de um sistema eivado de construções simples e realistas, adaptadas a quem, tendo uma convicção, religiosa, ou seja a fé cristã, deve atentar primeiro nas coisas, depois nas palavras.

No âmbito dessa modalidade da língua latina as fases popular e culta são, respectivamente sucessivas. Nesse sentido, Elia (p. 54) apresenta a seguinte citação de Cristina Mohrmann:

Depois do período revolucionário dos dois primeiros séculos, no decurso do qual o latim dos cristãos se formou e estabilizou, verifica-se certo enfraquecimento no ritmo da evolução, o que representa ao mesmo tempo uma consolidação. Depois, pela segunda metade do séc. IV, após a paz constantiniana, pode-se observar de novo uma atividade criadora bastante viva, mas agora de um caráter antes erudito. O quarto e o quinto séculos se caracterizam por certa aproximação entre o latim cristão e a língua comum, por certo retorno às tradições da língua e da cultura.

A princípio, o idioma que serviu de intérprete ao pensamento cristão através do mundo antigo e foi empregado como a língua da pregação e propagação da fé cristã foi o grego *koiné*. Com efeito, as primeiras comunidades cristãs do ocidente foram formadas por proletários vindos de grandes cidades do oriente: eram prisioneiros de guerra, escravos libertos, pequenos comerciantes, marinheiros, entre outros indivíduos, na sua maioria *seracínés* falantes da *koiné* grega. Juntamente com o conforto espiritual e a esperança de alcançar o paraíso na vida eterna, esses primeiros cristãos encontravam, também, certa unidade na comunidade da língua. Assim sendo, o povo cristão das cidades usava uma espécie de língua técnico-religiosa, calcada nessa língua: o grego *Koiné*. Do mesmo modo, Paulo escreveu sua epístola aos romanos e Lucas o seu evangelho e o livro “Atos dos apóstolos” nessa mesma modalidade de idioma.

Com a propagação da religião, contudo, e a conseqüente adesão de novos fiéis do universo românico, surgiu a necessidade de confecção e reprodução de textos

bíblicos. Assim, por volta do séc. II começaram a surgir as primeiras versões bíblicas escritas na língua de Roma, conhecidas com o nome de *Ítala* ou *Vetus Latina*, na Europa e *Afra*, no norte da África. Destaca Elia (1979, p. 55).

Essas antigas versões são caracterizadas por um literalismo extremo que levou os seus autores a darem preferência às construções que melhor guardassem a feição grega do original, muitas vezes, aliás, resultado da fidelidade ao modelo hebraico.

Nos fins do séc. IV, no papado de Dâmaso, São Jerônimo, a partir dessas versões estabeleceu uma outra na língua latina. Versão essa que se tornou a oficial da Igreja e que no século XIII, graças a Rogério Bacon foi denominada *vulgata*.

Inicialmente, acreditava-se que a latinização do cristianismo tivesse começado na Igreja africana, onde, pela primeira vez o pensamento cristão fora formulado na língua latina. Os mais antigos documentos cristãos em latim pertencem à África do Norte: os *Acta Martyrum Scillitanorum* e a *Passio Felicitatis et Perpetuae*. Nesse particular, Elia (p. 55) apresenta o pensamento de Mohrmann. A autora argumenta que essa tese não se sustenta, tendo em vista que pelos meados do séc. II, o processo de latinização da igreja de Roma estava em curso e desse modo, o que teria havido, pois, foi a evolução contemporânea, ou seja, concomitante, na África e em Roma.

## ALGUNS ASPECTOS DO LATIM CRISTÃO

Os aspectos mais relevantes do latim cristão podem ser encontrados no léxico. Alguns tópicos, contudo, podem ser observados no campo da formação de palavras e na morfossintaxe.

### No léxico

No que diz respeito ao léxico, em virtude da necessidade de tradução das idéias novas, surgidas com o cristianismo, alguns processos podem ser destacados: empréstimo puro e simples ao grego, formação de neologismos latinos, transferência de significado, formação de palavras.

Empréstimos – entre os empréstimos, entre uma série de expressões, podem ser relacionadas as seguintes que dizem respeito ao vocabulário técnico do cristianismo, denominando atos, cargos e situações concretos: *apóstata*, *apostolus*, *baptisma*, *baptizo*,

*catechumenus, charisma, diaconus, ecclesia, elemosyna, episcopus, evangelium, martyr, neophitus, presbyter, anathema, angelus.*

Neologismos – para a expressão de termos abstratos, muito comuns ao universo cristão, o latim lançou mão, principalmente do recurso da criação de novas palavras. Assim:

<i>sarkikós</i>	foi traduzido por	<i>carnalis</i>
<i>pneumatikós</i>	por	<i>spiritualis</i>
<i>sotér</i>		<i>salvator</i>
<i>megaléia</i>		<i>magnalia</i>
<i>polingenesía</i>		<i>regeneratio</i>
<i>apokálypsis</i>		<i>revelatio</i>
<i>lógos</i>		<i>verbum</i>

Transferência de significado – esse recurso se processou ora por influxo grego, ora automaticamente:

<i>fides</i>	<i>fé</i>	não	<i>lealdade</i>
<i>lavacrum</i>	<i>batismo</i>		<i>banho</i>
<i>spiritus</i>	<i>espírito</i>		<i>sopro</i>
<i>peccare</i>	<i>pecar</i>		<i>errar</i>
<i>virtus</i>	<i>virtude</i>		<i>valor</i>

### **Na formação de palavras**

Formação de palavras – nesse aspecto pode ser registrada a predileção por:

- palavras externas: *aeramentum, coronamentum, gaudimentum*;
- diminutivos: *oviculus, agniculus, auricula*
- adjetivos em *-bilis, -osus e bundus*: *acceptabilis, odibilis; meticulous, staturus; biliabundus, famulabundus*;
- verbos da primeira conjugação: *custodiare, cibare*.

## Na morfossintaxe

No campo morfossintático, encontram-se:

- o plural neutro pelo singular: *retia* por *rete*
- mudança de conjugação nos verbos: fugire, exercere, lugere, florire
- uso de adjetivo pelo genitivo adnominal: *divina gratia* por *gratia dei, apostolica verba* por *verba apostolicae*

Se desejarmos detalhar um pouco mais, podemos levar em conta a distinção entre cristianismos diretos e indiretos. Os primeiros dizem respeito às formações vocabulares que designam elementos do universo cristão em sentido lato: idéias, usos, instituições, entre outros e os segundos, em face de sua natureza, não estão associados diretamente à doutrina cristã.

Cristianismos diretos – quando o cristianismo fazia sua entrada na sociedade romana, a doutrina nova devia ser formulada em latim, assim, a língua precisava adaptar-se a essa nova função, que era a de expressar o pensamento ligado a uma nova doutrina. Nesse sentido, observa-se uma influência direta exercida pelo cristianismo sobre a língua latina. Assim as transformações lingüísticas que resultam da necessidade de exprimir as idéias cristãs em latim ficaram conhecidas por uma designação atribuída por Schrijnen, *cistianismos diretos*.

A esse grupo pertencem os nomes das instituições eclesiásticas, da hierarquia e das coisas mais ou menos concretas que foram trazidas para o ocidente pelo cristianismo, os quais são em grande parte de origem grega, empréstimos, portanto.

Dizendo respeito às expressões dos valores especificamente cristãos, as expressões desse campo podem consistir em neologismos e/ou empréstimos (cristianismos léxicos) ou em adoção de palavras com novas significação (cristianismos semânticos).

Assim, se para a idéia de ‘revelação’, os cristãos aproveitaram o termo grego *apokálypsis*, o exemplo será de cristianismo direto léxico, na categoria de empréstimo. Mas, se para a mesma idéia outros cristãos preferiram cunhar o termo *revelatio*, nesse caso teremos um cristianismo direto léxico, na categoria de neologismo.



Como exemplo de cristianismo direto semântico, pode-se tomar o termo *confiteri*, que no latim clássico quer dizer ‘reconhecer’, mas para os cristãos significa ‘confessar a fé’, como também ‘confessar os pecados’.

Não se pode precisar com clareza os critérios que levaram a um tipo ou outro de criação, a despeito disso, Mohrmann (*apud* Elia p. 58) aventura que uma palavra estrangeira bastava para designar coisas mais ou menos concreta, mas, desde o momento que se trata de verdades da fé, da doutrina cristã e de coisas que tocam o coração, a língua estrangeira se torna falha e é a língua materna que entra em cena.

Cristianismos indiretos – estudos realizados por por Mohrmann acerca do vocabulário cristão do séc. I ao III, indicam que os cristianismos indiretos são quase todos de formação latina. Esses cristianismos têm especial significação porque são principalmente esses fatos lingüísticos que nos conferem o direito de falar uma língua especial dos cristãos, visto que são os testemunhos irrefutáveis de uma diferenciação social a operar uma diferenciação lingüística.

Por não serem especificamente ligados aos aspectos da doutrina cristã, os cristianismos indiretos se constituem inovações que poderiam ter surgido na língua comum. O fato de muitas particularidades morfológicas, lexicológicas e sintáticas serem encontradas exclusivamente em inscrições e em autores ligados aos ensinamentos de Cristo, pode, de algum modo, indicar que se trate de uma questão de uso mais freqüente na língua dos cristãos, onde assumem um matiz diferencial característico.

Esses cristianismos indiretos podem ser de natureza morfológica ou sintática.

Cristianismos indiretos morfológicos – registra-se a predileção por certos sufixos:

- para os substantivos – **-tor; -tio**: *cooperator, operator; fornicatio, incorruptio*;
- para os adjetivos - **-bilis**: *investigabilis, possibilis*;
- para os verbos - **-fiicare**: *mortificare, sanctificare, glorificare, beatificare*.

Cristianismos indiretos sintáticos – Eis alguns casos

- emprego do adjetivo em vez do genitivo possessivo:  
*misericordia divina* e não *misericordia Dei*

*disciplina ecclesiastica*  
*evangelica pax*

*disciplina Ecclesiasticae*  
*pax Evangelii*

- emprego do genitivo com um sentido de finalidade, destinação, que não é próprio do latim culto:

*dies iudicii*            ‘o dia do juízo’ – o dia destinado ao juízo final.

*Panis laetitiae*        ‘o pão da alegria’ – cuja finalidade provocar alegr.

Podemos, assim, reafirmar que houve uma colaboração mútua, ou seja, uma interinfluência entre o latim e o cristianismo. Por um lado, com o advento, expansão e desenvolvimento do cristianismo, a língua latina foi amalgamada a fim de servir de instrumento eficiente para a comunicação dos conceitos, valores e demais aspectos do novo modo de pensar e ver a vida, isto é, da nova doutrina. Por outro lado, o latim, herdeiro da tradição romana, tornou-se a língua da Igreja, das escolas e das ciências, desde a queda do Império Romano e como a língua da Igreja, facilitou a expansão e unidade do cristianismo em todo o mundo, durante séculos a fio, mesmo depois que as línguas românicas haviam se firmado.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno. *Elementos de filologia românica*. V.1. São Paulo: EDUSP, 2001.

ELIA, Sílvio. *Preparação à lingüística romana*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979

FARIA, Ernesto. *Fonética Histórica do Latim*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1955.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2004.

MAURER JR. Theodore Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962

MIAZZI, Maria Luísa. *Introdução à lingüística românica*. São Paulo: Cultrix, 1976.